



MITO: A educação não é problema meu

Mas, antes de alcançar esses resultados, José Fred passou por muita coisa. Formado por engenharia mecatrônica na UNICAMP, encontrou no Movimento Empresa Júnior identificação com a postura de uma juventude que queria transformar o país através do empreendedorismo. Esse sonho grande despertou sua paixão pelo setor público, pois via nele a melhor maneira de conseguir produzir mudanças em escala. Com outros egressos do Movimento Empresa Júnior, fundou a **Vetor Brasil**, uma organização que trabalha com o desenvolvimento de lideranças dentro de entidades do governo.

Seu primeiro projeto, um planejamento estratégico, foi apresentado para a prefeitura de Araguaçu, cidade de 10 mil habitantes no interior de Tocantins. Interessada pelo plano, a prefeita o convidou a assumir a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico para colocá-lo em prática. Atraído pela oportunidade de ver como as coisas funcionavam “na ponta”, José Fred abriu mão de uma vaga de trainee e aceitou o desafio - ficou um ano como secretário municipal, até ser convidado pelo Secretário da Educação de Goiás para fazer a reforma educacional do Estado. Aí começa sua história com a educação.

Chegando ao governo, o diagnóstico: Goiás era a oitava economia do Brasil e o décimo-sexto desempenho educacional pelo IDEB. Além disso, seu desempenho relativo a outros estados vinha caindo de forma sistemática nos últimos cinco anos. O primeiro passo para a reforma: estudar. José Fred visitou o Chile e a Finlândia, referências em educação básica; os Estados Unidos, referência em inovação, e diversas cidades no Brasil que apresentavam desempenho superior à média – os chamados cases internos.

Analisando a situação das escolas do estado, montaram dois gráficos: um para ambiente socioeconômico e outro para seu desempenho no IDEB. As escolas com bom desempenho, especialmente aquelas de regiões desafiadoras, foram analisadas como referências para outras em situação de vulnerabilidade – o foco maior do projeto. A abordagem era simples: “Mapeamos essas escolas-referência e vamos visitar, perguntando: ‘O que você faz, diretor?’ Às vezes, nos deparávamos com atuações complexas, mas geralmente se tratavam de ações simples, como avaliação permanente e integração com os pais”, explica José Fred.



MITO: Empreender e inovar exige conhecimento técnico

Esqueça Steve Jobs. Esqueça Bill Gates e Mark Zuckerberg. Apesar do apelo popular do estereótipo, um líder-gênio, com uma ideia inovadora e muito conhecimento técnico para desenvolvê-la não é fator determinante para o sucesso de uma startup.

Ao contrário do que se pensa, não é a falta de conhecimento técnico, mas sim a ausência de experiência no mercado corporativo uma das maiores barreiras para quem quer começar a empreender do zero – e uma das principais razões pelas quais empresas acabam falindo antes mesmo de conquistar seu primeiro cliente.



MITO: Empreender e inovar exige conhecimento técnico

Computacional. Ela conta que seguiu o método acadêmico à risca e conseguiu estabelecer com eles uma parceria; hoje, doutorandos da Unicamp e da USP estudam o assunto em um projeto com a Guten. “Os professores geralmente são muito abertos e querem disseminar conhecimento”, observa.

O convênio estabelece uma parceria Empresa-Universidade, pela qual ambas as partes contribuem com trabalho, conhecimentos e experiências prévias. “A pesquisa para desenvolvimento de uma tecnologia desse porte é complexa, por isso decidimos nos unir a experts da área que podem adicionar velocidade ao processo”, completa Danielle.

Acostumada ao ritmo de trabalho em fusões e aquisições, Danielle sabe que tempo é dinheiro e, em se tratando de tecnologia, o mercado evolui a cada segundo. A Guten não podia esperar tanto tempo para começar suas atividades. Desenvolveram, então, outros produtos que, embora mais simples, já estão abrindo caminho no mercado e posicionando a marca como relevante no desenvolvimento de competências de leitura.

O primeiro app, Guten News, traz notícias adaptadas para crianças. Para lançá-lo, Danielle recrutou uma pedagoga, uma linguista, um jornalista e um programador. No próprio processo de criação, foi se familiarizando, aprendendo e descobrindo novas necessidades, em um ambiente de trocas constantes com os colaboradores. Para manter o ritmo, porém, era essencial que a equipe estivesse engajada: “Trazer parceiros foi um salto. Mas é difícil dizer: Venha pelo sonho! O sonho era meu, não deles”. Passou, então, a oferecer benefícios crescentes de acordo com o desempenho e a possibilidade de participação societária após o crescimento das vendas.

Este ano, lançaram outra plataforma capaz de mapear habilidades de leitura, indicando aos professores lacunas de aprendizagem específicas. Já o principal produto, baseado em inteligência artificial, tem previsão de lançamento em versão beta em 2016.

Enquanto idealizar e desenvolver os produtos são atividades colaborativas, Danielle foi responsável por manter a empresa



MITO: Empreender e inovar exige conhecimento técnico

de pé antes que começasse a caminhar. O aporte financeiro inicial foi todo feito com suas economias. “Como não tinha nenhum background na área, não tinha respaldo ou garantia para oferecer o projeto a investidores. Fui meu próprio investidor-anjo”, diverte-se. Recentemente, recebeu o apoio de dois fundos: Artemisia e Omidyar Network, fundo norte-americano que investe em empresas de impacto social.

O modelo de negócios também foi uma concepção sua. As vendas são feitas de forma direta nas escolas, através de visitas e contato com a área pedagógica – o que, segundo Danielle, pode ser frustrante por ser muito moroso. “Precisamos ter paciência, porque a educação tem um tempo próprio – não porque as pessoas não estejam trabalhando, mas os processos são muito delicados e demandam mais tempo”, comenta.

Apostando em um novo modelo, fecharam parceria com uma editora, que distribuirá o App juntamente com seu material didático. Embora o foco ainda esteja no ensino particular, Danielle ainda planeja chegar, com o software completo, ao Ministério da Educação.

Sobre ser uma administradora na área de inovação em educação, Danielle abre um sorriso e garante: “Sou muito feliz com a escolha que fiz. Queria, de fato, investir meu talento em algo que me identificasse. Ter formação de administradora me ajudou na estruturação da empresa como um todo, e hoje me vejo como que tocando um bumbo, mantendo o ritmo para que o crescimento – e o sonho – não parem.”



MITO: Não é possível inovar no setor público

Depois de um ano no Instituto, Isabel vislumbrou a oportunidade de atuar de perto com a aplicação de projetos especiais no Governo. A subsecretaria Parcerias e Inovação, onde atua, gerencia projetos inovadores em diversas áreas do governo em parceria com o setor privado. A sua interface principal é com a Secretaria de Educação, com quem realizou recentemente o PitchGov – um programa cujo objetivo era selecionar soluções tecnológicas para desafios reais da administração pública, “desengessando” a atuação governamental pela parceria com Startups. 304 empresas se inscreveram e 15 foram selecionadas para apresentarem suas iniciativas em um evento com a presença de representantes do governo, potenciais investidores e grandes empreendedores do país.

Entre os requisitos para as selecionadas, estavam o uso de tecnologia – permitindo a replicação da solução em escala estadual - e a maturidade das empresas, que precisavam ter estrutura e solidez para não ficarem dependentes do ritmo de trabalho do governo, muito diferente do ritmo de um ecossistema empreendedor. Com o sucesso do programa, a ideia, segundo Isabel, é estender o Pitch para outros setores,

como transporte e energia, fomentando a inovação em todas as áreas do governo.

O senso comum diz que o setor público é formal, moroso, fechado a mudanças. Ao contrário, o ambiente de ambas as secretarias é descontraído e os membros da equipe têm muita autonomia: “somos profissionais diferenciados, com missões que nos foram confiadas. A confiança é grande de que faremos as entregas”, conta Carolina.

A burocracia, porém, ainda é um limitador com o qual se deve aprender a lidar. “Eu entendo que a burocracia tenha a sua razão de ser – os líderes, no governo, respondem como pessoa física por todos os projetos que tocam, então é natural que sejam muito cautelosos, o que torna o processo demorado”, explica Isabel. Porém, com planejamento e procedimentos claros, comenta Carolina, ela não afeta as entregas e nem os resultados finais.

A preocupação de ambas é transformar os projetos em suprapartidários, envolvendo a comunidade e



Mito: Não é possível inovar no setor público

descentralizando processos. Isso é importante especialmente considerando a alta rotatividade dos cargos comissionados, como explica Isabel: “Não temos um plano de carreira, não queremos ficar aqui para sempre, mas temos projetos que queremos deixar de legado, estando aqui ou não”.

Carolina e Isabel possuem formações e habilidades bastante distintas. Para Isabel, o background em economia lhe conferiu a habilidade de manipular dados e enxergar padrões através dos números. “Na educação, faltam pessoas com esse olhar analítico”, comenta. Já Carolina, com formação em psicologia, chegou a pensar em se especializar em pedagogia, mas mudou de ideia: “Meu foco sempre foi gente e gestão. Nesse sentido, posso trabalhar em educação fazendo a gestão que gosto, sem necessariamente mergulhar na área”.

Em comum nas suas histórias está a vontade de atuar com educação “de dentro”, impactando, com seu trabalho, milhares de pessoas. Mas, além disso, elas também têm em comum a desmistificação da morosidade do setor público,

através de iniciativas que estão promovendo a mudança e a profissionalização da educação – em escala e com segurança, como todo bom transatlântico deve fazer.





MITO: Só projetos gigantes causam impacto

As ONGs Casa do Zezinho e Ismart são exemplos de instituições que conseguiram, através de inovações em tecnologia e metodologia, estender o alcance das suas atividades, promovendo inclusão social, empoderamento pelo conhecimento e maior acesso a oportunidades a jovens e crianças de baixa renda.

Localizada no Capão Redondo, zona Sul de São Paulo, a ONG Casa do Zezinho trabalha com a proposta de integração de jovens e crianças em situação de vulnerabilidade social. A história de sua origem emociona: surgiu em 1994 quando a pedagoga Dagmar Garroux começou a abrigar em sua própria casa crianças ameaçadas por grupos de extermínio. Desde então à frente do projeto, “Tia Dag”, como é chamada, ampliou sua estrutura e alcance, atendendo, atualmente, mais de 1700 crianças e jovens – os chamados “Zezinhos”.

Na casa é aplicada a Pedagogia do Arco-Íris, metodologia inovadora elaborada ao longo dos últimos 20 anos, que tem como ponto central o desenvolvimento da autonomia de pensamento e de ação. As etapas de desenvolvimento

que as crianças percorrem são simbolicamente divididas entre as cores do arco-íris, sempre com foco em potencialidades individuais. Os Zezinhos podem escolher participar de diversos programas oferecidos, como oficinas interdisciplinares, projetos de aprendizado de língua inglesa, educação musical, gastronomia, cursos profissionalizantes e educação ambiental.

Além dos projetos educativos, nos últimos cinco anos a Casa do Zezinho também expandiu suas atividades para iniciativas que envolvem toda a comunidade: É o caso do Se Cuida Zezinho, clínica de medicina integrativa e preventiva que oferece consultas à população local; o projeto Família do Zezinho, de apoio e atendimento às famílias dos alunos; e o projeto Maria Zezinho, um espaço de integração e desenvolvimento onde jovens e idosos podem trocar experiências e conhecimentos em atividades que vão da informática ao artesanato. Além da suplementação pedagógica, procura-se, com isso, fortalecer os vínculos que as crianças têm com a sociedade e promover uma formação mais ampla.



MITO: Só projetos gigantes causam impacto

conteúdos com linguagem leve e divertida. Como parte do módulo, são realizados encontros presenciais para promover a integração da comunidade, onde os alunos desenvolvem projetos, aprendem a trabalhar em equipe e colocam em prática os conhecimentos trabalhados virtualmente.

O resultado fala por si só: entre os bolsistas, o índice de aprovação em universidades é de 95%. “São jovens que, com acesso a educação de excelência, poderão transformar as suas vidas e impactar positivamente a sociedade”, completa Carlos.

Trabalhando a Transição

Pensando na adaptação, muitas vezes crítica, dos estudantes bolsistas a uma nova escola e a um novo grupo de convívio, o Escritório de Harvard no Brasil criou o MLAB, um programa de mentoria em parceria com colégios particulares de prestígio do Brasil. Através deste programa, alunos bolsistas destes colégios parceiros são convidados a participar, durante 8 meses, de uma mentoria virtual com estudantes de Harvard. O objetivo, segundo Manuela Parisi, Coordenadora de Programas de Estudantes do Escritório, é nivelar o acesso a

informação sobre a oportunidade de estudar fora para alunos que nunca tinham tido contato com essa possibilidade, bem como explorar a aquisição da língua inglesa. “Queremos reduzir as barreiras para jovens talentos brasileiros que têm o desejo de estudar fora”, explica.

Após oito meses de contato virtual, eles têm um encontro presencial, o que confere expectativa e ritmo ao programa. Entre os resultados imediatos desta iniciativa está um case bem concreto: Victor Domene, bolsista do Colégio Bandeirantes pelo Ismart, ex-participante do MLAB e atual aluno de Harvard, com apoio da Fundação Estudar.





MITO: A Tecnologia é apenas um recurso de apoio

Em uma parceria firmada recentemente com a secretaria de educação do Estado de São Paulo, a ferramenta será disponibilizada, de forma gratuita, para mais 300 mil alunos das escolas públicas estaduais. O fundador da Geekie, Cláudio Sasaki, porém, fala sobre esse momento de expansão com cautela: “O mercado está num processo de amadurecimento, enxergando cada vez mais a tecnologia como uma ferramenta poderosa para o aluno, o professor e o gestor. Mas é um caminho lento.”





MITO: Não é possível fazer a diferença

I. TENTE SIMPLIFICAR SUA PASSAGEM PELA VIDA, FAZENDO COM QUE SEU PROPÓSITO E SEUS VALORES ESTEJAM CONECTADOS AO TRABALHO QUE VOCÊ FAZ.

Natural de Araçatuba, interior de São Paulo, Thaís sempre gostou de línguas, adorava Literatura e sabia que em algum momento da vida gostaria de dar aulas. Porém, por querer ter uma noção mais ampla do mercado e das possibilidades, decidiu cursar Administração da Fundação Getúlio Vargas. Lá, fez uma série de estágios em grandes empresas e bancos, que foram excelentes para que ela experimentasse e descobrisse o que não queria fazer. Decidiu que a partir de então não trabalharia em nada desconectado das suas paixões e do seu propósito. “Seria possível levar uma carreira mais corporativa, por exemplo, e desenvolver algo em educação em paralelo. Mas as mudanças mais significativas provavelmente virão de quem está 100% focado, dedicando todo seu tempo e energia para aquilo. Se é muito importante para você e você realmente acredita naquela causa, tem que fazer dela sua atividade principal”, ela conta.

2. FAÇA PARTE DE UMA REDE DE PESSOAS COM VONTADE DE FAZER A DIFERENÇA

Ainda na Faculdade, Thaís entrou para a AIESEC, uma organização estudantil internacional com foco em formação de lideranças. Com pouca noção de como se trabalhava, assumiu aquela rede como seu ponto de apoio – fazendo amizades que estão entre seus melhores amigos até hoje. “Encontrar esse grupo de pessoas que compartilhavam dos meus valores e a minha vontade de fazer coisas significativas me ajudou a ter com quem conversar e com quem dividir dúvidas de caminhos a seguir, de propósito, de formação”, explica Thaís.

3. A REDE PÚBLICA É O CAMINHO PARA QUEM QUER FAZER TRANSFORMAÇÃO EM ESCALA

No último ano de Faculdade, ficou sabendo de uma oportunidade na então recém-fundada ~~W~~OEBÉ~~BB~~, que oferece apoio a projetos de melhoria da gestão pública. Alocada na área de educação e cultura, assumiu



MITO: Não é possível fazer a diferença

responsabilidades significativas para sua idade. Percebeu, por exemplo, que uma série de fatores de melhoria das escolas públicas poderiam ser resolvidos independentemente das limitações orçamentárias, e começou a entender o papel da rede pública de educação no Brasil. “Projetos em qualquer prefeitura podem ter um alcance enorme, considerando que em torno de 86% dos alunos brasileiros estão na rede pública. Para quem começa a vida profissional agora, existem novos canais bacanas e bem estruturados para começar no setor público com foco em resultados, planos claros de ação, acesso a treinamentos e bons mentores”, opina.

4. APRENDA A FAZER E APRENDA FAZENDO

Na Brava durante seus três primeiros anos profissionais, Thaís começou a sentir vontade de operar projetos, ao invés de apoiá-los. Conversando com sua gestora sobre este interesse, foi aconselhada a procurar a Fundação Estudar, onde teria mais espaço de ação, trabalhando diretamente com a seleção de talentos para o programa de bolsas – uma habilidade que ela já tinha desenvolvido através da AIESEC. “Achava que eu era muito jovem para dar conselho para os outros, precisava

ver pela minha própria experiência o que funcionava e o que não funcionava”, revela a empreendedora.

5. QUANDO VOCÊ FAZ ALGO QUE VOCÊ ACREDITA, NÃO SENTE O ESFORÇO

Depois de dois anos trabalhando com seleção de talentos e tendo contato direto com jovens inspiradores e que sonhavam grande, Thaís foi convidada a assumir a direção da Fundação. Desafiada, aprendeu a lidar com a própria inexperiência, trabalhando com uma série de atividades diferentes ao mesmo tempo, com a missão de preparar a instituição para o crescimento: “Eu sentia que estava intenso e via os resultados: a fundação crescendo, a diversidade de áreas me alimentando de novas perspectivas. Eu achava que a vida era muito boa por me dar essa oportunidade, e nem percebia que estava fazendo esforço – mas eu estava”.

6. É PRECISO SABER A HORA CERTA DE MUDAR

Thaís se define como uma pessoa de “ciclos longos”: “O meu questionamento é sempre se estou ficando tempo o suficiente para amadurecer, absorver o que a experiência me oferece e



MITO: Não é possível fazer a diferença

para deixar meu legado”, explica Thaís. Para ela, a inquietude de fazer mudanças de forma rápida pode prejudicar o aprendizado e amadurecimento. Foi por isso que ela começou a pensar em uma movimentação no fim de 2011, para enfim realizá-la em 2013: Depois de 7 anos e meio na Estudar, foi atrás da vontade de descobrir coisas novas e se atualizar para a educação com que trabalhava. Aos 30 anos, começou o mestrado em Stanford, onde teve a oportunidade estar em contato com pessoas do mundo inteiro, de áreas e mindsets muito diferentes. Ao invés de disciplinas focadas, optou por fazer aulas em escolas diferentes, mas que se conectavam de alguma forma à multidisciplinaridade da educação hoje – um exercício de enxergar as coisas por uma perspectiva mais ampla.

7. É POSSÍVEL TRANSITAR ENTRE DIFERENTES SETORES

Com sua experiência no terceiro setor, intermediando empresários e o poder público, Thaís acredita que os perfis de trabalho não são excludentes. O mais importante, para ela, é se conhecer, investir tempo e dedicação em um determinado tipo de função que mais se adeque ao ser

perfil e ir se formando, aprimorando sua capacidade de executar, de resolver problemas, de criar ou implementar algo, por meio dos desafios ao longo do caminho. “Ao longo do tempo se vai encontrando o que se faz melhor. Com quem se faz e onde se fará são escolhas tão importantes quanto, que vamos aprendendo com a própria experiência a fazer. Exceto por algumas funções muito específicas, que requerem conhecimento técnico ou experiência muito focada, acredito que na educação é perfeitamente possível transitar entre setores, e que há muita demanda por gente generalista, antenada, com uma execução boa e visão para articular soluções”, diz a empreendedora.

8. MULTIPLIQUEM

“O Brasil é tão grande e os desafios são tantos que, embora a ação seja necessária de modo abrangente – todos aqueles que conseguirem à sua maneira multiplicar suas iniciativas para um grupo maior de pessoas – na faculdade, nas empresas juniores, em grupos de interesses, criando suas próprias empresas, associando-se a outros – vai fazer a diferença”, explica. Existem diferentes maneiras e os mais diversos canais



MITO: Não é possível fazer a diferença

que, aos poucos, contribuirão para que o Brasil tenha uma população mais educada. Desafios enormes vêm com a escala – mas para quem está motivado e comprometido a trabalhar com isso, encontrar uma maneira de replicar e multiplicar é essencial e extremamente satisfatório.





MITO: Agora que sei tudo isso, vai ser moleza

Mudar a educação brasileira não é uma tarefa fácil. Ninguém desconhece a dimensão dos desafios acumulados pelo país neste campo. Para lidar com eles, o país precisa de gente talentosa e disposta a sonhar grande. É como dizem: sonhar grande e sonhar pequeno dá o mesmo trabalho.

Até agora, este especial trouxe histórias inspiradoras de possibilidades de atuação em educação, unindo inovação ao desejo de mudança. Nas diversas trajetórias e projetos apresentados, vimos superações e conquistas que, descritas nesse pequeno espaço, podem ter parecido fáceis. Não foram. Nesta seção, apresentamos três dos principais desafios que profissionais da área encontram, bem como caminhos e ideias de como trabalhá-los.



MITO: Agora que sei tudo isso, vai ser moleza

O papel do professor

Seja no ensino público, privado, em startups ou salas de aula, o papel do professor é central para a melhoria de qualidade do ensino. Discussões são feitas a respeito tanto da formação, hoje ainda muito focada em teoria, quanto na capacitação continuada, com base em cursos e troca de experiência com seus pares de profissão.

“Estudos indicam que professor aprende mesmo é com outro professor”, afirma Célia Maria Piva Cabral Senna, professora gestora da Escola Lumiar, considerada pela Unesco uma das mais inovadoras do mundo. Para ela, de nada adianta construir equipes magníficas de formação de professores se estes não estão constantemente em sala de aula e discutindo entre si suas próprias experiências. “A distância entre a prática e a teoria é muito grande”, completa.

Para Ilana Joveleviths, psicóloga coordenadora de Inclusão do Instituto Viver, em Cotia-SP, diálogo e troca de experiências são fundamentais. “A escola precisa oferecer um espaço para

que o professores expressem suas questões e suas angústias, bem como suas ideias e sugestões”, afirma. No Instituto, todas as propostas são compartilhadas e validadas com os alunos, bem como com a equipe, e a maior parte das decisões é tomada e aplicada em conjunto.

Em outras vivências de educação, o papel do professor como especialista funciona como termômetro para as inovações. É o caso do canal reVisão, que recebe com frequência informações de educadores que estão utilizando seus materiais em sala de aula. Para Tatiana Klix, jornalista responsável pelo portal Porvir, o feedback também é importante para avaliar a relevância e aplicabilidade das ferramentas e inovações divulgadas.

A Sustentabilidade Financeira

Outro desafio central é a definição de um modelo de negócios sustentável. O Instituto Viver cobra mensalidades mais acessíveis, comparado com outras escolas da região, e também conta com a parceria de estagiários e voluntários.



MITO: Agora que sei tudo isso, vai ser moleza

A ONG Casa do Zezinho se mantém através do patrocínio de pessoas físicas e empresas, além de parcerias com Instituições que oferecem bolsas em projetos e cursos profissionalizantes.

A preocupação financeira aparece de forma significativa também no âmbito da gestão pública. Para Isabel Opice, da Secretaria de Parcerias e Inovação, a municipalização das escolas poderia ser um caminho para que as mesmas pudessem ser acompanhadas de perto, formando redes articuladas com cidades vizinhas. Atualmente, porém, esta proposta é inviabilizada pelo fato de os municípios possuírem menos recursos próprios que os estados. Uma potencial solução, de acordo com ela, seria um formato de parceria com organização social que tenha mais flexibilidade que o setor público, trabalhando alinhado aos seus objetivos, mas não diretamente gerida por ele.

Da mesma forma, o terceiro setor vê no financiamento um desafio permanente. Paula Patrone, da Associação Cidade Escola Aprendiz, explica que é mais fácil conseguir patrocínios para projetos que para manutenção da associação – o que,

pelo lado positivo, os coloca sempre em movimento, mas torna a operação diária uma verdadeira obra de engenharia. Paula também comenta que, desde a década de 90, a relação com os parceiros se tornou muito mais rica e coesa: quem apoia financeiramente os projetos do Aprendiz tem interesse em participar, apontar problemas, acessar relatórios – algo que durante a década de 80 não era uma prioridade. “Hoje, a cobrança pela transparência é muito maior. Profissionalizamos nossa gestão e nossas entregas, e achamos excelente essa nova relação, pois crescemos mais quando somos desafiados”, analisa.

Para Pedro Camarote, da startup Geekie, sustentabilidade financeira e propósito não podem ser vistos como uma dicotomia – eles têm importâncias equivalentes na gestão de um negócio em qualquer área que seja. “É cada vez mais possível – e preciso – que se construam carreiras onde as pessoas não precisem escolher entre ganhar dinheiro ou mudar o mundo. É possível ficar com os dois e lá na Geekie acreditamos que na verdade esta é a forma mais sustentável de se encarar um negócio”, afirma.



MITO: Agora que sei tudo isso, vai ser moleza

Difusão de informação

Há muita coisa nova acontecendo em educação – o problema é que nem todo mundo, dentro e fora do meio, sabe disso. Um grande desafio para o setor é tornar a melhoria em educação uma pauta nacional, discutida de forma participativa dentro e fora das salas de aulas, escolas, secretarias de educação e faculdades. Oferecer à sociedade informação relevante sobre o assunto pode catalisar novas ideias, incrementar o engajamento pela causa e multiplicar o alcance de iniciativas, ainda tímidas porque desconhecidas.

O Portal PorVir é referência em difusão de informação sobre ensino e aprendizagem. Com curadoria da jornalista Tatiana Klix, o portal produz e divulga notícias sobre inovação em educação, mapeando iniciativas, tecnologias e as mais recentes pesquisas na área. Também traz, em suas matérias, bons cases de escolas e professores que estão colocando em prática estas inovações, com o intuito de inspirar toda a sociedade a repensar como a educação tem se desenvolvido e de que forma pode se adaptar às mudanças que aconteceram no mundo. “Minha responsabilidade é produzir conteúdo

inspiracional e levar às pessoas soluções, às vezes pouco conhecidas, para problemas que sabemos que existem”, resume Tatiana.

O jornalista Carlos Lordelo trabalhava como repórter de educação em um jornal de São Paulo, e por isso tinha contato com muitas novidades e personalidades da área. Ainda assim, não conhecia o Ismart e seus quase 10 anos de história apoiando talentos de baixa renda até ficar sabendo, por um amiga, de uma vaga na comunicação do Instituto. Curioso, procurou saber mais e se encantou pela proposta: “Mas se eu, como repórter de educação, não sabia o que era Ismart, imaginava que a sociedade em geral tinha ainda menos acesso às histórias incríveis que eles apoiavam. Tomei, então, como meu desafio torná-lo mais conhecido”.

A comunicação também é um desafio no setor público que, principalmente por impactar muitas pessoas através de suas ações, precisa contar com o apoio da população. José Fred conta que, quando da implementação do Pacto pela Educação em Goiás, o governo apanhava todos os dias da



MITO: Agora que sei tudo isso, vai ser moleza

imprensa. “Parte é culpa nossa, porque os governos ainda não aprenderam a se comunicar bem na era das redes sociais”, admite. Segundo ele, o sucesso do plano só aconteceu porque tanto o secretário de educação quanto o governador toparam o desgaste, porque acreditavam no projeto. “Nós só ganhamos a imprensa e a opinião pública depois, quando os resultados começaram a aparecer”, finaliza.



TEXTO

Nathalia Bustamante

EDIÇÃO

Rafael Carvalho

DESIGN

Danilo de Paulo

Marcos Torres

Renata Monteiro

FOTOS

Acervo pessoal

Alegri

Casa do Zezinho

Richard Lee